

A comunidade de trepadeiras num fragmento de floresta estacional semidecidual degradada.

Elielton Ramos Eugênio¹; Ricardo A. G. Viani², Elielton R. Eugenio³, Isai E. Chi⁴, Natan V. V. Silva³, Pedro H. S. Bracalion⁵.

1. Estudante de Agroecologia da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar;

*elieltoneugenio@gmail.com

2. Professor do Depto. de Biotecnologia e Produção Vegetal e Animal, DBPVA, Araras/SP;

3. Estudante de Agronomia da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar;

4. Mestrando em Agricultura e Ambiente - UFSCar;

5. Professor do Depto. de Ciências Florestais - ESALQ/USP.

Palavras Chave: *trepadeiras, degradação florestal, fragmento florestal.*

Introdução

A Floresta Estacional Semidecidual (FES) do Estado de São Paulo encontra-se atualmente restrita a pequenos fragmentos que sofreram e ainda sofrem diferentes formas de perturbação antrópica. Em virtude desta perturbação, trepadeiras dominam estes fragmentos florestais degradados, exercendo um forte controle e na maioria das vezes restringindo o estabelecimento e crescimento de espécies arbóreas e o potencial de conservação da biodiversidade e geração de serviços ecossistêmicos destes remanescentes florestais.

Considerando a relevância de se restaurar os fragmentos de FES que hoje encontram-se degradados, o corte de trepadeiras em condição de abundância tem sido proposto como uma técnica de restauração para estes fragmentos. No entanto, faltam estudos básicos sobre a comunidade de trepadeiras para subsidiar a definição de estratégias mais eficazes para o manejo das lianas.

Dessa forma, o objetivo deste estudo foi avaliar a comunidade de trepadeiras em um trecho (21°45'S, 47°35'O) de FES degradada do Parque Estadual de Vassununga (PEV). Localizado no município de Santa Rita do Passa Quatro, o PEV é uma das maiores áreas remanescentes de FES no estado de São Paulo. O clima da região é do tipo Cwa, temperado macrotérmico, moderadamente chuvoso, com inverno seco não rigoroso; a temperatura média anual é de 20,8°C e as altitudes locais variam de 600 a 780m.

Resultados e Discussão

Para a avaliação da comunidade de trepadeiras, foram plaqueados e mensurados todos os indivíduos $\geq 1,3\text{m}$ de altura a partir do ponto de enraizamento e com diâmetro do caule a $1,3\text{m} \geq 5\text{mm}$ que se encontravam dentro de 36 parcelas de $3 \times 15\text{m}$.

Foram amostrados 1577 lianas, o que resulta numa densidade de 0,97 lianas/m² área basal estimada é de 411 plantas/há e a biomassa, estimada usando a equação $B = \exp[-1,484 + 2,657 \cdot \ln(D)]$, é de 104,01 kg/ha (tabela 1). A classe de diâmetro com maior abundância de indivíduos é a de 0,5 a 9cm de diâmetro do caule.

O diâmetro variou entre 90,22 e 5mm, levando em consideração que só foram considerados os indivíduos com DAP $\geq 5\text{mm}$.

O valor encontrado para a densidade evidencia que a área encontra-se em processo de degradação, apresentando elevada densidade de trepadeiras de menor diâmetro.

Estudos realizados em área de floresta estacional semidecidual demonstram que um nível aceitável de lianas seria de 704 ind/ha, valores menores do que o encontrado no estudo (9700 ind/ha), tal densidade pode ser justificada devido as áreas estarem localizadas na borda do fragmento.

Comparando-se com estudos realizados em áreas de cerrado os resultados são maiores para os parâmetros de biomassa.

No estudo realizado foram encontradas lianas num valor mais elevado, devido ao fato de áreas degradadas serem propensas a desenvolver comunidade hiperabundante de lianas.

Estudos futuros devem ser feitos de modo a avaliar a representatividade de cada espécie de liana na comunidade.

Tabela 1. Parâmetros fitossociológicos

Parâmetros	Valor
Numero de lianas avaliada	1577
Densidade (plantas/m ²)	0,97
Área basal cm ² /ha	411,76
Biomassa kg/ha	104,01
Mediana do diâmetro do caule (cm)	9,49

Conclusões

Os resultados apontam que a comunidade de lianas é bastante expressiva no trecho de FES degradada estudado. Tais condições exigem o emprego métodos de restauração visando aumentar o dossel arbóreo e sua qualidade, como manejo de lianas hiperabundantes, plantios de enriquecimento e condução da regeneração natural.

Agradecimentos

Agradeço ao Prof. Dr. Ricardo A. G. Viani pela oportunidade de desenvolver o projeto, a Instituição de Pesquisa e Estudos Florestais (IPEF – ESALQ/USP), a Logum pela iniciativa do projeto, ao Parque Estadual de Vassununga e aos amigos que me ajudaram em campo.

ESTRUTURA FITOSSOCIOLÓGICA DA COMUNIDADE DE LIANAS EM UMA FLORESTA ESTACIONAL SEMIDECIDUAL NA FAZENDA CANCHIM, SÃO CARLOS, SP. São Carlos: Revista Brasil, 2002.